Recebido: 18 de julho de 2025 | Aceito: 24 de novembro de 2025

A MULA CONFIÁVEL E O CACHORRO MORTO: RESENHA DE LANCASTER, LUCAS. *SANTO ATANÁSIO E A CRISE ARIANA*. RIO DE JANEIRO: EDITORA CDB, 2022.

Gabriel Gabbardo[1]

Resumo

Esta resenha analisa criticamente *Santo Atanásio e a Crise Ariana* (2022), de Lucas Lancaster, publicado pelo Centro Dom Bosco, situando a obra no contexto do crescimento recente da extrema-direita católica no Brasil. O texto evidencia como o livro, apesar de sua ambição e extensão, falha de modo sistemático em critérios fundamentais do ofício historiográfico — desde erros factuais elementares, anacronismos conceituais e uso inadequado das fontes até um registro narrativo hagiográfico que substitui a análise histórica por devoção apologética. A partir de comparações com tradições eruditas católicas como a de Tillemont e com debates contemporâneos sobre metodologia histórica, argumenta-se que a obra de Lancaster não apenas deturpa a Antiguidade Tardia e a controvérsia ariana, como também exemplifica os riscos do abandono da história antiga e medieval no ambiente educacional brasileiro, criando espaço para produções pseudo-históricas de viés ideológico. A resenha conclui defendendo a responsabilidade disciplinar e a necessidade de reforço institucional e acadêmico desses campos de estudo, sob pena de sua captura por discursos reacionários que confundem tradição com tradicionalismo.

Palavras-chave

Atanásio; Arianismo; Antiguidade Tardia; Extrema-direita; BNCC; Hayden White.

[1] Pós-doutorando, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, Brasil. E-mail: gabrielgabbardo@hotmail.com.

Abstract

This review offers a critical analysis of *Santo Atanásio e a Crise Ariana* (2022), by Lucas Lancaster, published by the Centro Dom Bosco, situating the work within the recent rise of the Catholic far right in Brazil. It demonstrates how the book, despite its ambition and length, systematically fails to meet fundamental requirements of historiographical practice—from basic factual inaccuracies, conceptual anachronisms, and improper use of sources to a hagiographic narrative style that replaces historical inquiry with apologetic devotion. By comparing Lancaster's approach with earlier Catholic scholarly traditions such as that of Tillemont and with contemporary debates on historical methodology, the review argues that the work not only distorts Late Antiquity and the Arian controversy but also exemplifies the dangers posed by the marginalization of ancient and medieval history in Brazilian education, which opens space for pseudo-historical, ideologically driven productions. The review concludes by defending the disciplinary responsibility of historians and the need for stronger institutional and academic support for these fields, lest they be overtaken by reactionary discourses that confuse tradition with traditionalism.

Keywords

Athanasius; Late Antiquity; Arianism; Far-Right; BNCC; Hayden White.

Καὶ ὅταν προσεύχησθε, οὐκ ἔσεσθε ὡς οἱ ὑποκριταί· ὅτι φιλοῦσιν ἐν ταῖς συναγωγαῖς καὶ ἐν ταῖς γωνίαις τῶν πλατειῶν ἑστῶτες προσεύχεσθαι, ὅπως φανῶσιν τοῖς ἀνθρώποις· ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἀπέχουσι τὸν μισθὸν αὐτῶν.[2]

O que se apresenta ao leitor aqui é um artigo, que inicia-se com uma resenha.

Em 1776 (fundamental ano para o espírito humano, li em algum lugar), Edward Gibbon publicava o primeiro volume de sua *História do Declínio e Queda do Império Romano*. Nesta obra ("a primeira história moderna *tout court*", segundo o informado juízo de Moses Finley – Finley, 1991: 24), Gibbon consegue separar a história dos primeiros séculos da era cristã do providencialismo dessa religião. Escrevendo como o *gentlemen* do *establishment* britânico que era não seria surpresa, e não foi chocante, encontrar argumentos anticatólicos na obra: Roma era, para os mui piedosos anglicanos do séc. XVIII, a Babilônia, e para políticos mais céticos uma fonte inspiradora de tensões na Irlanda semi (ou talvez não tão "semi") colonizada.

O que surpreendeu e chocou a audiência do livro foram seus argumentos anti*cristãos*. Nos famosos capítulos 15 e 16 da obra, ocorre a separação mencionada acima: as razões apresentadas para o sucesso do cristianismo são exclusivamente humanas. Graças a estes capítulos em especial, Gibbon ficaria para sempre tingido com o rótulo de "descrente" (Pocock, talvez apressadamente, o coloca no mesmo "partido cético" que o francamente ateu Hume – Pocock, 1999: 68-69).

O Gibbon da maturidade (no qual Momigliano enxergou um vago deísmo – Momigliano, 1954: 457) provavelmente receberia (e recebeu) essa fama com um sorriso irônico, que talvez aumentaria ainda mais ao refletir que o jovem Gibbon havia cometido um radical ato de revolta juvenil quando do seu ingresso em Oxford: a conversão ao catolicismo. O episódio foi tão chocante que forçou Gibbon *père* a exilar seu filho em Lausanne, na Suíça, um ato que teve a profunda consequência de conectar o rebento às ondas de pensamento iluministas que pulsavam vivamente no Continente (e na Escócia) de uma maneira que não ocorria na Inglaterra.

Gibbon, pois, se tornou um – se tornou *o* – historiador iluminista, e o episódio de sua jovem conversão foi esquecido, sendo muito difícil de dizer qualquer coisa sobre ele. O que se pode dizer *com certeza* é que qualquer bibliografia que Gibbon tenha lido que tenha motivado sua conversão foi rapidamente abandonada. O Gibbon iluminista leria, dos

[2] Mat. 6.5. A tradução da passagem se encontra abaixo.

seus contemporâneos, as *histoires philosophiques* de Voltaire e Montesquieu, e se focaria na literatura clássica pagã (com distinta preferência à latina frente à grega). Aos escritores cristãos antigos, daria pouca atenção daí em diante.

Um problema se coloca ao leitor que desconhece o *Declínio e Queda*: como Gibbon escreveria sobre o cristianismo, tendo abandonado a patrística cristã? A resposta se encontra no profícuo encontro de Gibbon com os eruditos católicos do final do séc. XVII e início do XVIII: Mabillon, Montfaucon, Muratori e uma de suas maiores influências, "o infatigável Tillemont".

Sebastien Le Nain Tillemont (1637-1698) era, na afetuosa definição de Gibbon, "a mula alpina paciente e de passo certo na qual se tem confiança mesmo nos caminhos mais escorregadios" (Gibbon, 1909, vol. 2: 50). Como Owen Chadwick coloca, as *Mémoires Ecclésiastiques* de Tillemont (e outros historiadores religiosos) permitiram que Gibbon digerisse rápida e resumidamente um vasto volume de material de fontes eclesiásticas para obter a síntese historiográfica "filosófica" que buscava. O deísta cético inglês foi profundamente marcado pelo imenso labor do padre e historiador eclesiástico francês. Um abismo religioso os separava, mas a inteligência da "mula" – que guiava Gibbon por aqueles Alpes da erudição, a patrística greco-romana – os unia. Tillemont era alvo, por vezes, do humor de Gibbon, mas nunca de sua repulsa; e como Chadwick coloca,

> O efeito, em suma, é de dependência e respeito [de Gibbon para com Tillemont], ocasionalmente de algo mais do que respeito, mais próximo da reverência, por esse pouco pretensioso, quieto, modesto, confiável guia (Chadwick, 1976: 122).

Que o Brasil tenha passado – ainda esteja passando – por uma crise política desde pelo menos 2013 é lugar comum. Que um dos aspectos dessa crise política é o surgimento de uma extrema direita como personagem política me parece ser bastante óbvio. Como historiador antigo, tenho como obrigação profissional apenas que escutar cientistas políticos, sociólogos e (sim) historiadores contemporâneos sobre essa crise, uma vez que possuem mais ferramentas heurísticas e hermenêuticas para interpretar este fenômeno enorme em suas linhas gerais do que eu.

Mas o que um historiador antigo pode compreender, e perceber bem, é o crescimento de uma extrema-direita católica. Para essa extrema-direita, à crise nacional se juntou uma crise internacional, o papado de Francisco. O

argentino que ocupava a Cátedra de São Pedro era (e ainda é) motivo de perplexidade para estes.

É talvez a confluência destes dois fatores, um papado *em algum sentido* progressista e a crise política brasileira, que explique o *boom* desta extrema-direita católica (em suas diversas variantes e autodenominações: tradicionalistas, sedevacantistas, integralistas, restauracionistas... o espaço é curto para descrever essas seitas).

Um lugar de destaque é devido ao Centro Dom Bosco. É uma associação leiga de fiéis católicos (que flertam, apesar de seus protestos, com o sedevacantismo lefebvrista), com sede no Rio de Janeiro, que tem uma atuação política extremada de algum alcance. Foi o CDB que acolheu a atriz Cássia Kiss na sua marcha para o fundamentalismo católico reacionário; foi o CDB que tentou impedir que o movimento Católicas pelo Direito de Abortar usasse o termo "católicas" no nome[3]; foi o CDB que tentou, por diversas vezes, proibir o grupo Porta dos Fundos de fazer *sketches* humorísticos sobre Jesus Cristo. Foi o CDB que interrompeu uma missa católica com elementos afro, em 2019, em flagrante caso de intolerância religiosa.

Para além destas atividades, o Centro se destaca pela numerosa produção bibliográfica, com mais de duzentas publicações de 2016 até aqui. Os livros são, em sua maioria, de teor conspiracionista: um deles fala das "infiltrações maçônicas na Igreja". Obras bastante ultrapassadas também tem destaque, como a "História da Europa" de inspiração salazarista de Pedro Ameal. Algumas obras da patrística são piedosamente traduzidas (oxalá a editora se dedicasse apenas a isso). E, em 2022, foi publicado um volumoso livro de 1007 páginas sobre "Santo Atanásio e a Crise Ariana", escrito por Lucas Lancaster. É essa obra que será doravante resenhada.

O livro já começa mal. Encontramos um belo ícone de Atanásio na página 37 (lamentavelmente, em preto e branco). A proveniência não é creditada; o leitor já cético não se surpreenderá ao descobrir que a imagem veio da Wikipedia. Em seguida, ele é apresentado ao "Império Romano do Século IV". Não sei de onde saiu o mapa, mas ele apresenta uma série de erros *crassos*.

O primeiro é ignorar a evacuação da Dácia por Diocleciano; o segundo é ignorar as conquistas mesopotâmicas de Diocleciano e Galério no

[3] No que, há de se destacar, obteve um sucesso inicial, com o TJSP acolhendo, de maneira lamentável, os argumentos do Centro. A decisão foi posteriormente anulada pelo STJ, que corretamente não enxergou nenhuma relação de direito material entre as duas entidades.

Oriente; o terceiro é generosamente conceder ao Império Romano o Reino do Bósforo. Ora, o Reino do Bósforo (cuja máxima extensão é, aliás, bastante alargada) só fez parte do Império Romano como província entre 63 e 68, sob Nero. Considerando que a Dácia só fez parte do Império Romano a partir das conquistas de Trajano, é necessário constatar que o autor fez um esforço criativo considerável para misturar fronteiras de diversas décadas e séculos... no século errado.

Esforço que só tem igual na sua tentativa de passar por cima da divisão administrativa do Império. Se ignorarmos os surtos de criatividade geopolítica, o mapa é uma versão *passável* da divisão administrativa do Império Romano... no início do século III[4]. Para o século IV, ela é totalmente anacrônica; a profunda reforma administrativa elaborada por Diocleciano modificou totalmente o cenário, dividindo as províncias equivocadamente apresentadas pelo autor em unidades menores.[5]

É possível, talvez, desculpar o uso de uma imagem da Wikipedia, de proveniência desconhecida e não referenciada, para ilustrar o que é o personagem principal do livro (embora a preguiça seja, afinal de contas, um pecado capital; Lancaster perdeu a oportunidade de utilizar o belo *São Atanásio,* de Rubens). Mas o autor já fracassa, de maneira retumbante, na mera apresentação de um mapa.

Continuemos. O autor elabora uma pequena profissão de fé, atividade extemporânea ao historiador (p. 41-42) para logo depois apresentar uma distorcida história do cristianismo durante os primeiros três séculos, no qual apenas o martírio e a perseguição (vistos, contra a realidade, como sistêmicos e constantes, ao contrário de esporádicos e irregulares, ao menos até Diocleciano) a cristãos são destacados (p. 43).

É possível gastar bastante tinta com essa simplificação distorcida e historicamente iletrada do cristianismo dos primeiros séculos, mas é mais proveitoso ver os erros de Lancaster ao nos apresentar Alexandria, terra natal de seu herói, Atanásio ("herói" é uma subvalorização minha; os elogios de Lancaster a essa figura histórica são tão retumbantes que só posso concluir que ele foi a quarta pessoa da Trindade).

Os erros são inúmeros. "Alexandria fora construída [por Alexandre Magno] para ser a capital de um império universal e um farol do qual a

[4] Falo "passável" por causa de dois erros menores, ao menos em comparação aos anteriores: a Britânia é apresentada como um todo unificado, e a Síria-Palestina é dividida entre Síria e Judeia.

[5] O leitor (e o sr. Lancaster, este com mais urgência) é direcionado ao *Atlas of Classical History*, p. 176-177.

civilização grega espalharia por toda parte seus raios de luz (p. 44)". O eurocentrismo está claramente apresentado aqui, com a civilização grega e seus raios de luz, e será ainda mais realçado a seguir. Mas é curioso que Lancaster não cita fontes para essa afirmação, e que – seja qual for a fonte que ele utilizou – Alexandre, ao terminar suas conquistas, tenha se dirigido à Babilônia. Como poderia ele governar um império que se estendia até a Índia do Egito?

O erro seria estupefaciente, mas Lancaster logo consegue se superar, pois "sua principal herança [a de Alexandre] – a cultura helênica semeada por ele onde suas tropas pisaram – venceu *a antiga barbárie dos povos conquistados* e prevaleceu" (grifo meu: 44). Por onde começar? Que tipo de historiador, que tipo de ser humano, chamaria hoje persas, para não falar dos egípcios, de "bárbaros"? Cultura helênica? Ela podia ser atraente a alguns, mas era repulsiva para outros tantos. Apresento ao sr. Lancaster um trecho do primeiro livro dos Macabeus, considerado sacro pela religião católica:

> Nessa época, brotou em Israel uma geração de ímpios, que persuadiram muitas pessoas, dizendo: "Vamos fazer aliança com as nações vizinhas, porque, depois que nos afastamos delas, muitos males nos aconteceram". Essa proposta agradou a muita gente. Alguns do povo tomaram a iniciativa e foram até o rei, que lhes deu permissão para introduzir os costumes pagãos. Foi assim que construíram em Jerusalém uma praça de esportes de acordo com os usos pagãos. Disfarçaram a circuncisão e renegaram a aliança sagrada. Associaram-se às nações pagãs e se venderam para praticar o mal (1 Mc. 1.11-15).

Que é esse demoníaco "mal" das "nações pagãs"? A cultura helênica, com sua praça de esporte característica.

O livro se pretende historiográfico, mas é claramente uma hagiografia. Não resisto à tentação de citar Tillemont: "somente os santos que merecem fazer o elogio dos santos" (Tillemont, 1735: 2). Lancaster, até onde sei, não é santo; mas o pior é que ele pretende se passar por historiador, sendo hagiógrafo. Aceite-se que Lancaster escreva uma hagiografia; mesmo assim os elogios são demasiados.

> Os católicos de todos os lugares acorriam para ver este combatente invencível da causa da Igreja, aclamá-lo à sua passagem, pedir sua benção e ouvir suas palavras. Com sua presença rutilando santidade e com suas exortações que pareciam um oráculo celeste, Atanásio instava clérigos e seculares a permanecerem fiéis ao Credo Niceno, e a rejeitarem a comunhão com os arianos (Lancaster, 2022: 405).

O autor das linhas precedentes deve me desculpar pelo meu pensamento blasfemo, mas há de se perguntar se alguém que merece tão elevados elogios tinha a chaga do pecado original. Lancaster não apenas *heroiciza*

Atanásio (o que, por si só, já bastaria para tornar uma obra de história em algo insosso e ultrapassado; a história dos Grandes Homens é, ao final das contas, uma historiografia *simplória*), como o *idolatra*. Há de se perguntar por que o Logos achou necessidade de se encarnar no Mundo e sofrer na cruz se um homem pode atingir a excelência completa que o Atanásio lancasteriano apresenta; esforço demais para alguém que parece jamais ter feito algo imperfeito, que dirá (sob uma ótica católica) precisado de uma confissão. Ao leitor ateu, desinteressado por teologia, quero dizer que, se a história que Lancaster apresenta é ruim (e é), como teologia católica ela é ainda pior. Ouso dizer que Agostinho sentiria um leve, ou talvez não tão leve, traço de pelagianismo na obra.

Passemos por outros trechos que falam de Atanásio, a quarta pessoa da Trindade, gerado sem pecado mortal:

> a bandeira erguida do dogma, a coluna de mármore que nada deitava ao chão, o portão de aço incapaz de ser desbaratado por qualquer aríete, uma muralha ine-xpugnável [sic] que protegeu a Igreja Católica durante cinquenta anos em meio a sofrimentos e angústias inimagináveis (Lancaster, 2022: 28).

> A favor do arcebispo de Alexandria estavam os santos e virtuosos, os defensores da verdade, os confessores, os homens devotados à Igreja e os bispos de conduta irrepreensível, prontos para defendê-lo das absurdas alegações dos conspiradores (Lancaster: 2022, 267).

> ... naquele 2 (sic) de maio de 373, voou para o céu um dos maiores, senão o maior defensor que a Igreja Católica já possuiu no transcurso dos séculos" (Lancaster: 867).

A insossa heroicização de Atanásio merece um *passim* para descrevê-la, o que por si só torna o livro intragável. Mas há um outro erro irritantemente frequente na obra de Lancaster. Ele é adepto fanático da escola de psicologia histórica "Professor X"[6]. Encontramos, por todo o lugar, frases como "Rever a Cidade Eterna (...) *deve ter* regozijado o coração de Atanásio" (Lancaster, 2022: 404 – ou talvez não, quem sabe Atanásio possa ter achado Roma uma cidade modorrenta); "por certo foi uma cena verdadeiramente tocante a do longo e terno abraço de despedida destes dois santos [Atanásio e o papa Júlio], que se separavam como amigos queridos e irmãos" (Lancaster, 2022: 404 novamente – ou talvez não, talvez os dois não gostassem um do outro mas se tolerassem por motivos políticos); "(...) a presença dos seus dois enviados [do papa Júlio ao concílio de Sérdica] acalentava os espíritos dos prelados com a certeza de estarem 'sob a presidência de São Pedro' (Lancaster, 2022: 375;

[6] Aos (des)afortunados que desconhecem aquele colosso da cultura pop atual, os X-Men, o Professor X é um personagem que tem o poder de ler mentes.

ou os decepcionava, pois se sentiriam mais confiantes com a presença de Júlio). Quando as fontes não permitem estabelecer uma narrativa que atinja os objetivos pré-estabelecidos pelo autor, este assume, desavergonhadamente, a posição de romancista histórico.

Não se tem aqui hostilidade contra hagiógrafos ou contra romancistas históricos; o que se objeta é que *ao historiador* não são permitidas as liberdades narrativas que Lancaster toma, de maneira reiterada, colocando as fontes em camas de Procusto, ou mesmo em verdadeiros ecúleos, para que elas, tal qual o porco sangrento da piada, admitam a sua identidade leporina.

Elementos das fontes que prejudicam a narrativa do Atanásio perfeito que Lancaster quer criar são descartados. Vemos isso no episódio de Atanásio batizando seus companheiros de brincadeiras juvenis, um episódio narrado por Sozômeno (Sozômeno, *HE* II.17.7-8). O patriarca Alexandre observou, inquieto, um bando de crianças imitando a cerimônia de batismo, com o jovem Atanásio fazendo as vezes de bispo. Alexandre chamou os jovens para repreendê-los. Eis Lancaster:

> O grupo chegou, cabisbaixo e amedrontado, e ficou em silêncio quando Alexandre perguntou do que eles brincavam. *Pressionados mais pela doçura de Santo Alexandre do que por sua severidade*, viraram todos na direção de um deles e disseram: "É ele. Atanásio é o nosso chefe". (Lancaster, 2022: 62, grifo meu).

Uma santa história, cujo único defeito é estar lamentavelmente ausente da fonte. Alexandre realmente ficou escandalizado, segundo Sozômeno. Mas, face ao silêncio inicial dos jovens, Alexandre ameaçou-os com... *tortura*. Este é um dos significados de *τῇ βασάνῳ*, a palavra que Sozômeno usa, talvez o seu principal. Mesmo que se aceite um sentido mais leve (*τῇ βασάνῳ pode* significar uma "inquirição" bastante rígida), é preciso mentir para se ver doçura em Santo Alexandre nesse momento específico. A mentira se torna mais fácil quando não se lê a fonte na qual se trabalha.

É clara a utilização de traduções da parte do sr. Lancaster, que evidentemente não domina o grego (embora se sinta autorizado a elogiar o domínio de Atanásio nessa língua).

A prova se encontra na página 284. Nela, Lancaster "traduz" uma passagem de Sozômeno (Sozômeno, *HE* II.28), na qual o historiador narra o famoso episódio em que Atanásio, com extrema ousadia, interrompeu um cortejo de Constantino para peticionar o imperador.

> O bispo Atanásio me parou tão inesperadamente no meio da rua com alguns outros que o acompanhavam, que eu me surpreendi. Deus que tudo vê é minha testemunha de *que primeiro não o reconheci*, e que foi preciso que alguns de

> minha comitiva me dissessem quem era ele do que ele vinha se queixar (Lancaster, 2022: 284, grifo nosso).

"Primeiro não o reconheci" é uma tradução aceitável para "*je ne l'ai pas reconnu d'abord*", a tradução proposta por Monsieur Cousin no distante ano de 1686 (Cousin, 1686: 131). O desleixo de Lancaster com sua fonte é aqui duplo: ele afirma que essa passagem se encontra em *HE* II.23 – um equívoco gritante. Mas sequer consultou o original, que é *παρὰ τὴν πρώτην ὄψιν*. A tradução *óbvia* para essa expressão é "à primeira vista" – utilizada, inclusive, pela mais recente tradução de Sozômeno em francês, que usa *à première vue* (Sozômeno, 1983: 359). O sr. Lancaster, que evita traduzir o grego antigo – pois não o conhece (o que é perfeitamente escusável, quando não se trata de escrever um livro sobre falantes de grego antigo) –, se acha autorizado a dizer que a formação "profana" [sic] de Atanásio não foi inútil, "sobretudo quando se considera o uso que fez de seu belo e bem colocado grego na defesa do dogma durante a controvérsia ariana" (Lancaster, 2022: 66). "Belo e bem colocado": a intimidade de Lancaster com o idioma pátrio é também periclitante.

Mas Lancaster vai além; ele também *inventa*. Voltemos à página 62, que contém a seguinte passagem fictícia:

> Alexandre olhou o garoto e Atanásio olhou de volta. Seus grandes olhos abertos, com sua franqueza audaciosa e cândida, fisionomia nobre e angélica, ostentavam o triplo reflexo das belas almas: a paz, a inteligência e a pureza (Lancaster, 2022: 62).

O olhar de volta de Atanásio, seus olhos abertos, sua franqueza e sua fisionomia: tudo invenções. O "triplo reflexo das belas almas" é uma passagem poética de Lancaster, que pode ser verdadeira ou não. Imagino que Lancaster pense que Santo Agostinho tenha uma bela alma, mas é necessário um otimismo incorrigível (ou uma incapacidade de leitura colossal) para ler as *Confissões* e a *Cidade de Deus* e terminar com a conclusão de que Agostinho vivia uma profunda paz interior (felizmente para a teologia latina e universal, o exato contrário era verdadeiro).

Ainda mais entusiasmado que Lancaster era Jerônimo, o grande tradutor da Bíblia para o latim. A vida do monge Antônio, escrita em grego por Atanásio, foi um *bestseller* absoluto; a mente empreendedora de Jerônimo o levou a inventar um monge que supostamente antecedia Antônio, "Paulo de Tebas", e a escrever sua *Vida,* na qual estranhamente vários episódios enfrentados por Antônio são repisados, e neles sempre "Paulo" se sai melhor. Muitos contemporâneos de Jerônimo o acusaram de ter inventado esse santo, o que não impediu que a *Vida de Paulo* se tornasse, ela própria, um *bestseller*. Mas a crítica moderna demonstrou que "Paulo"

é uma ficção. Lancaster acredita piamente nessa ficção (Lancaster, 2022: 69).

O pecado do uso de conceitos anacrônicos é um que Lancaster não deixa de cometer. À página 320, Lancaster afirmar que

> A união de Constâncio e dos bispos eusebianos formaria um exército comum do Totalitarismo de Estado, próprio do antigo sistema pagão, e da Heresia, contra a constituição divina da Igreja (Lancaster, 2022: 69).

O trecho citado não apenas apresenta o equívoco da utilização do conceito de "totalitarismo" (aliás, haveria outro totalitarismo que não o de Estado?) para um Estado pré-industrial, como também evidencia o desconhecimento gritante por parte do sr. Lancaster dos antigos "sistemas" (sic) pagãos, que os singulariza por razões desconhecidas.

Passemos a um trecho sobre Santo Antônio/Antão[7]: "Tillemont relata que após a morte de Antão passaram-se três anos sem que chovesse no Egito", sendo essa seca ou o choro dos elementos da natureza pela morte do santo, ou vingança divina pelos pecados do arianismo (Lancaster, 2022: 529-530). Não foi Tillemont que relata que à morte de Antônio passaram-se três anos sem que chovesse no Egito, pela simples razão de que Tillemont escrevia a uma distância de quase 1350 anos dos eventos pretensamente relatados. A autoridade que Tillemont usa, e que Lancaster não achou interessante citar ou procurar, é ninguém menos do que são Jerônimo, na sua *vida de Hilário*[8].

Continuemos a partir dessa supressão deliberada. A idolatria narrativa dada a Atanásio tem como resultado inesperado uma notável diminuição do papel que outros sacerdotes cristãos tiveram na formação da ortodoxia nicena. Não falo aqui das dimensões sociológicas da disputa, muito bem tratadas por Galvão-Sobrinho (Galvão-Sobrinho, 2013) e que, a toda evidência, estão além dos parcos poderes historiográficos de Lancaster. Aceite-se, para fins de argumento, um quadro narrativo simplificado, quiçá simplório, que coloca a questão ariana como uma disputa de bispos individuais, divididos em dois grupos (e, na ótica de Lancaster, um de puros santos, liderados por um Atanásio livre do pecado original, e outro de criaturas do Inferno). A heroicização exagerada de Atanásio esconde a ação de outros indivíduos.

---

[7] O autor destas linhas se recusa, de maneira quiçá quixotesca, a aceitar que *Ἀντώνιος* seja traduzido por "Antão".

[8] O leitor muito crente talvez se decepcione ao descobrir que essa seca no Egito, de três anos, só é mencionada pelo próprio Jerônimo; entre as suas inúmeras qualidades narrativas estava um dom de sempre aumentar uma história de maneira envolvente. Mais sobriamente, Atanásio não fala de qualquer seca durante este período.

Hilário de Poitiers tem a boa fortuna de ter acompanhado Atanásio em algumas de suas atribulações, e por isso tem um relativo destaque; mas os Capadocianos (Gregório Nazianzeno, Basílio Magno e Gregório de Nissa) e suas atividades e tribulações são reduzidas a mera continuação do trabalho de Atanásio (Lancaster, 2022: 849-854, 870-871). O hábil operador político que era Basílio só recebe destaque quando fala com Atanásio. Ora, Basílio morreu meros cinco anos depois que Atanásio; a fantástica teia eclesiástica que o primeiro conseguiu construir, a muito custo, no Oriente romano (especialmente, mas não apenas, na Anatólia) foi *decisiva* para o triunfo do *homoousios* no Concílio de Constantinopla.

Na página 861, ao narrar a morte de Atanásio, Lancaster escreve "Será permitido que, ao menos aqui, o historiador dê lugar ao devoto"? É estupefaciente que o autor não perceba a ironia de suas palavras. O devoto devorou totalmente o historiador, mastigou-o e o cuspiu todo estraçalhado nas 860 páginas anteriores. A sensação que se tem ao se ler essa linha é de ver Jack, o Estripador, pedir desculpa por bater uma carteira.

Poderia-se gastar mais páginas para enumerar os erros de Lancaster. Mas voltemos a Tillemont, que, em uma marcante passagem de suas *Reflexões*, medita sobre o ofício de um historiador (um historiador católico, aliás):

> É indubitável que as regras dadas por São Bernardo [de Clairvaux] sobre como se constrói um santo podem ser aplicadas também à maneira de como se escreve a história. É necessário que aquele que se lança à tal empresa seja digno de uma coisa tão grande e tão santa. Ele deve ter tanta erudição quanto zelo pelo que faz. A autoridade de sua pessoa, a gravidade de seu estilo e, acima de tudo, uma vida santa proporcional à santidade de seu sujeito, são aquilo que sustentam aquilo que diz, e que honram a verdade do que anuncia (Tillemont, 1735: 114).

O zelo de Lucas Lancaster não pode ser colocado em dúvida sob uma ótica científica. Sob uma ótica cristã, há de se perguntar o quanto a repetição incessante e insistentemente pública de sua fé não viola Mateus 6.5:

> E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa.

Quanto à erudição, contudo, como demonstrado à exaustão, ela inexiste: nesse quesito, o livro possui mil e sete folhas e mil e sete falhas. O estilo é fraco: frases que parecem ter sido escritas por um estrangeiro com um conhecimento intermediário do português ("... Anatólia, essa península... subdividida pelo Império Romano em províncias de nome Bitínia,

Ásia...", Lancaster, 2022: 849) são seguidas por outras escritas por um pedante da segunda pessoa do plural (e.g., "Estaríeis de que lado se vivêsseis naquele tempo?" Lancaster, 2022: 926). Não se pode dizer nada sobre a santidade da vida pessoal de Lucas Lancaster, mas a autoridade de sua pessoa, em termos tillemontianos, é nula.

Sobre a fúria com que Lancaster destina aos "moderados" católicos dos dias de hoje (e.g., Lancaster, 2022: 530-531), o historiador só pode constatar que Deus endureceu seu coração, como o do Faraó. Mas um coração endurecido poderia, em tese, produzir algo que se prestasse, algo que fosse útil, ou ao menos curioso, de se ler.

Não é o caso. A leitura deste livro não é proveitosa para o historiador, nem para o leigo, nem para o crente fervoroso (em marcante contraste com a obra – ousaria-se dizer "a obra santa"? – de Le Nain de Tillemont). E isso se dá não por causa de seu coração duro, mas de suas mãos escorregadias, que são incapazes de apre(e)nder qualquer conteúdo mais complexo. A crise da Igreja Católica é maior do que pensam os tradicionalistas, se esse é o respeito intelectual que oferecem à tradição.

O contraste com os eruditos católicos de mais ou menos 1690 a 1740 é instrutivo. Face ao bombardeio de erudição com que autores tão díspares, no tempo, no espaço e nas opiniões religiosas, quanto Pierre Bayle, Joseph Scaliger e Isaac Casaubon dirigiram aos *Anais* de Barônio (que deixaram a obra em completo descrédito, exceto para Lancaster), autores católicos como Mabillon, Muratori, Montfaucon e Tillemont mudaram as regras do jogo, demonstrando que dominavam o aparelho crítico da erudição tão competentemente, ou até mais, do que seus adversários protestantes ou céticos. Face às notas de rodapé de Tillemont, Voltaire tomou a atitude radical de *abolir* as suas próprias notas de rodapé em suas obras historiográficas, tornando-se um autor menor por isso (Gibbon conseguiria juntar as qualidades dos eruditos antiquaristas católicos – e não católicos – com as concepções dos historiadores *philosophes* franceses – Momigliano, 2004: 112-114). A opção por uma crença, e inclusive por uma dogmática, católica não impediu que Tillemont usasse e citasse as obras de seus adversários religiosos. De certa forma, isso inclusive o *incentivava* a fazer isso.

E este é o pior aspecto do livro de Lancaster. Visto por uma ótica histórica secular, o livro é ruim: descuidado, imprudente, errôneo. Ora, se aceitarmos que estamos tratando de um tema sacro, seja por se partilhar da crença católica de Lancaster, seja por ser de outra tendência cristã, seja pelo simples respeito empático que um historiador sério deve ter pelo seu objeto de estudo, a situação do autor só piora. Por motivos de ofício

histórico, mas também *e principalmente* por motivos teologais para aqueles que creem, a questão da crise ariana, da vida de Atanásio – de *toda e qualquer questão patrística* – deve ser tratada com o respeito devido.

O "respeito devido", no caso de Atanásio, implica um esforço escolástico para ler em mais línguas que não o inglês e o francês; implica uma decência moral que impeça o historiador de simplesmente adaptar trechos de obras antigas; implica um respeito para com as fontes que requer um domínio técnico delas, um domínio que demanda a leitura de edições acadêmicas destas obras; implica um diálogo interecumênico com eruditos de outras vertentes cristãs, mesmo que esse diálogo seja hostil.

Sobre este último ponto, é possível elaborar da seguinte forma. Tillemont referenciava os protestantes Scaliger e as Centúrias de Magdeburgo, para utilizar o primeiro e insultar o segundo; Lancaster renega o livro do ex-arcebispo de Canterbury, Rowan Williams, sobre Ário – "Arius, *Heresy* and Tradition" (Williams, 2002)[9] –, um livro que evitaria que ele cometesse vários equívocos teológicos, em prol de colocar nas referências um opúsculo de Roberto de Mattei sobre o *concílio Vaticano II* (Lancaster, 2022: 1007)!

Perdoai, Pai, aqueles que não seguem estes preceitos: eles não sabem o que escrevem. Para Lancaster, o conselho é estudar o assunto de novo (ou, quando for o caso, pela primeira vez), com um mínimo de sobriedade e respeito. Para a editora do Centro Dom Bosco, sugiro, de maneira bastante caridosa e respeitosa, que se dediquem, ao invés de publicar história *ruim*, produzir traduções *boas* de obras patrísticas. Uma tradução de alguma obra inédita de Atanásio, ou de Agostinho, ou de Ambrósio, seria muito mais útil, inclusive espiritualmente, do que uma obra histórica inédita eivada de erros. É melhor apresentar apologética cristã antiga do que uma apologética cristã nova *ruim* que parte de uma história *pior ainda*.

De maneira admitidamente *menos* caridosa, esta obra tradicionalista me lembra a definição de tradição de Jaroslav Pelikan, autor da monumental *History of the Christian Doctrine* em cinco volumes (Pelikan, 1971-1989)[10]:

> A história da doutrina cristã é o meio mais efetivo para expor as *teorias artificiais de continuidade* que amiúde assumiram um status normativo nas igrejas, e é ao

[9] É interessante apontar que a Igreja Anglicana também tem a postura oficial de que o arianismo era herético; o *primeiro* dos seus trinta e nove artigos da religião rejeita o arianismo ao postular a mesma substância para Pai, Filho e Espírito Santo. Por sectário, Lancaster se recusa a usar Williams.

[10] O leitor não se surpreenderá quando lhe for informado que Lancaster não usa essa obra.

> mesmo tempo é uma avenida para a autêntica continuidade da crença, do ensino e da confissão cristã. *A tradição é a fé viva dos mortos; tradicionalismo é a fé morta dos vivos* (Pelikan, 1971: 09, grifo meu).

Sobre a História Antiga, a Patrística e coisas correlatas

Por que escrever essa resenha? Ela foi composta, admito, com grande receio. Há o risco, sempre presente, de eu parecer estar legitimando uma posição católica "tradicionalista" francamente integralista, ao dialogar (ou parecer dialogar) de igual para igual com o que é um livro de ótica conscientemente reacionária e preconceituosa a partir de minha autoridade como historiador profissional, face à "lumpenintelectualidade" tradicionalista. Este escrúpulo, por relevante que fosse, foi superado: creio ter deixado bem claro que Lancaster soçobra quase que comicamente (certamente de maneira obscena) tanto em âmbito histórico quanto em âmbito teológico.

Não há diálogo possível, porque Lancaster não aprendeu a falar ou (pior e mais importante ainda) a escutar; as 1007 páginas do livro fazem volume, mas só seriam aprovadas como TCC em um curso de graduação de História por incúria da banca. O diploma de Lancaster lhe permite usar o título de historiador, mas a sua prática lhe retira toda a autoridade que este pudesse conceder, por menor (ou maior) que fosse. Se Tillemont era uma mula de passo firme, Lancaster, histórica e historiograficamente falando, é um cachorro morto, violenta mas não imerecidamente chutado nessas linhas.

No entanto, *sociologicamente* o livro de Lancaster é interessante. O fato é que, quando comecei a estudar Antiguidade Tardia, vinte anos atrás, não existia no mercado um volume de 1007 páginas falando sobre um patriarca de Alexandria do século IV, publicado por uma editora composta por leigos.

O que se deve colocar a seguir é chave para o desenvolvimento de uma historiografia antiga e medieval brasileira. E se deve colocar numa situação onde não apenas a BNCC, em sua famigerada primeira versão, desferiu um duro golpe contra o ensino destas matérias nos ensinos fundamental e médio[11], como também são por vezes atacadas do púlpito universitário por historiadores de profissão.

[11] Um bom artigo sobre esse ataque, escrito por um historiador da Antiguidade, é Santos, 2019.

Caso abandone-se, descarte-se, sejam consideradas pouco importantes as idades antiga e medieval europeias, será aberto – em certo sentido *já foi aberto* – um flanco que está sendo, e potencialmente o será em ainda maior grau, preenchido pelo pior tipo de obra historiográfica. Não estou pedindo aqui uma biografia de oitocentas páginas de Atanásio para o público brasileiro, mas, de fato, seria interessante a existência de artigos acadêmicos de caráter introdutório sobre essa figura[12]. Eles (ainda) não existem, e é forçoso constatar que o curioso incauto que queira ler algo sobre Atanásio em português pode ser tentado a manusear uma obra confessional mal escrita, baseada em leitura rasa de autores ultrapassados. Podemos – não, *devemos* – fazer melhor.

E aqui paro de chutar o nosso amigo, o cachorro morto lancasteriano, e inicio uma discussão com os colegas de profissão. E o faço com o polêmico nome de Hayden White.

> Eu não apenas nego a autoridade dos "historiadores profissionais" para "policiar" qualquer coisa, eu também nego que os historiadores, em sua capacidade "profissional" atual, possuem recursos necessários para dar julgamentos "eticamente responsáveis" seja como que for que entendamos por "História (White, 2005: 335).

Não é necessário entrar no vasto desfiladeiro que é a obra de Hayden White. Apenas apresento outros trechos, desta vez de autoria de Lancaster:

> É realmente espantoso constatarmos o curto intervalo de tempo entre a paz de Constantino, em 313, e a primeira manifestação do arianismo, em 318 ou 319. Em termos humanos não há, entre um acontecimento e outro, causa e efeito. Contudo, se visualizarmos os fatos a partir das forças espirituais que combatem no invisível, deve-se realmente cogitar se Satanás, não conseguindo aniquilar a Igreja com as perseguições sanguinárias que desencadeara contra ela por quase trezentos anos, mudara de método, tentando destruí-la a partir de dentro tão logo ela estivesse em paz com o Império. É razoável (Lancaster, 2022: 176-77).

Não há problema de Lancaster *acreditar* nisso. Mas como lidar com esse texto, enquanto apresentado como labor historiográfico? Devemos aceitar que o Demônio novamente apareça como personagem histórico? É razoável (para usar a frase de Lancaster) que permaneçamos calados? Não me parece que devemos agir, aqui, como aqueles que "iluminam os pontos cegos que mantém os atuais sistemas sociais intactos e

[12] Destaco, com alegria, que a situação é melhor, até mesmo *consideravelmente* melhor, no caso de podcasts: aponto, para usar o exemplo de Atanásio, a bela explanação de Robson Murilo Grando Della Torre para o podcast História Medieval da USP sobre o arianismo (https://open.spotify.com/episode/4Z2pWRl5CiYnyJj95mUboS, acessado a 17/07/2025).

inviabilizam como 'irreais' as alternativas a eles' (Avila, 2021: 72, expressando o pensamento de Joan Scott). Até porque aqui Lancaster se utiliza de um passado e de um impulso *práticos*, só que não feminista ou pós-colonial, mas integralista católico, que nos condena, *post mortem*, às chamas eternas do Inferno[13] – e, mais prosaica e por isso mais significativamente, ao *erro*, a *falsificação* e a *apequenação* da História.

Aceitemos, por necessário, a ajuizada avaliação de meu amigo Arthur Lima de Avila sobre a crise da História, na qual a disciplina se vê em um labirinto sem fim: "*desmonte das condições institucionais* que lhe dão sustentação", "*ampliação avassaladora* da inflação informativa", "*tirania do imediatismo* das redes sociais e de uma sociedade impelida a esquecer o longo prazo", "dissolução de seus fundamentos epistêmicos e políticos seculares", "colapso das noções de *comum* e *partilha* estimulado pelo hiperindividualismo neoliberal", "*decadência disciplinar*, nem sempre percebida, que clausura a disciplina em si própria" (Avila, 2021: 56, grifos no original).

Mas, por aceitarmos essa condição de crise, devemos naturalizá-la? E aqui o texto de Lancaster nos é valioso. O barulho em torno da obra de Hayden White pendeu, frequentemente, para questões morais; como se falar do Holocausto (Saul Friedlander), White como herdeiro de Gentile (Ginzburg no seu pior momento, categoricamente, enquanto crítico de White). A concretude dos eventos da Segunda Guerra – para Momigliano, para Ginzburg –, bem como a enormidade dos crimes nazifascistas, tornaram o aumento da temperatura da discussão praticamente inevitável (e White talvez não esteja absolvido de culpa, tendo deixado este flanco argumentativo aberto).

O livro de Lancaster (impresso no Rio de Janeiro, Brasil, no ano da graça de 2022) nos permite questionar os limites da obra de White de maneira menos apaixonada. Lancaster vê na crise ariana a maior crise da Igreja, e a trata com uma paixão cuja envergadura só se equipara à sua incompetência multiforme. O que fazer face a esse discurso historiográfico?

Creio ter dado uma resposta construtiva para essa pergunta no esboço de resenha acima elaborada. O tom da resenha é conscientemente irônico, mas se focar nessa característica é superficial. Não é uma questão linguística que Lancaster tenha providenciado um mapa horrendamente *errado*. Não é escolha narrativa que o faz citar obras sobre Atanásio

[13] É curioso que Lancaster utilize reiteradamente Tillemont enquanto fonte, tendo em vista o jansenismo herético deste autor.

escritas no século XIX como se fontes primárias fossem. O uso de um conceito como "totalitarismo" para descrever o Império Romano de Constâncio II é um anacronismo, e se há decadência (uma palavra perigosa!) disciplinar na historiografia atual ela se encontra (ou se encontra *também*) numa concepção excessivamente libertária da atividade histórica, e por um derrotismo em relação à utilidade da História pelos seus próprios praticantes. Os caminhos historiográficos não são monopólio da guilda dos historiadores; mas alguns caminhos paralelos (como o da Brasil Paralelo) levam a uma *falsificação* da História.

É possível negar Satã como causador da crise ariana? O trabalho historiográfico *bom* não é, *pace* White, um artefato meramente textual. Seria bastante mais tranquilo para mestrandos e doutorandos em História que eles tivessem que apenas *entreter*, que (na expressão equivocada de um excelente historiador) a história fosse um "Constructo textual *par excellence*" (Bentivoglio, 2018: 53). O diabo é que eles têm que atravessar o rito de passagem que é a banca examinadora. E o seu uso (ou abuso) de fontes é um dos fatores primordiais de avaliação.

Um dos (vários) defeitos do texto de Lancaster é sua pobreza enquanto artefato literário, como já demonstrado. Imaginemos que Guimarães Rosa, saído do túmulo, (por seus pecados) passasse a reescrever a obra de Lancaster para torná-la um colosso da narrativa. O texto poderia ser delicioso de se ler; *ainda assim*, o mapa de Lancaster continuaria errado, o Atanásio deificado seria uma elucubração, o Império Romano de qualquer século continuaria não sendo totalitário, a crise ariana (o que quer que se entenda por ela) ainda teria causas perfeitamente humanas.

E aqui vem a riqueza do trabalho de Nancy Struever, uma autora pouco referenciada pela literatura historiográfica brasileira, muito embora tenha feito uma das seis críticas a Hayden White no volume especial da *History and Theory* de 1980. A questão que o erro na operação historiográfica nos coloca não é o da (re)batida diferença entre fato e ficção. É da natureza *argumentativa* do labor historiográfico. E esta natureza *argumentativa* é encontrada também na... obra retórica de Quintiliano![14]

Não, Satã não causou a crise ariana; o espanto de Lancaster com a proximidade entre o Édito de Milão e o início da crise ariana não tem razão de ser, tendo em vista a interessante tendência da dogmática cristã de se empenhar em acirrados conflitos filosófico-teológicos, uma tendência que não possui paralelo em nenhuma outra religião (nem

[14] É sintomático que Ginzburg descarte rapidamente a obra de Struever em suas considerações sobre História e Retórica (Ginzburg, 2002).

mesmo às monoteístas do Livro); o estopim da crise ariana é corretamente compreendido como a imposição de uma ortodoxia por parte de partidos de bispos, conforme nos ensina Galvão-Sobrinho.

Uma história eticamente responsável *precisa responder, necessariamente, nestes termos*, admitindo-se, por evidente, a revisão, e mesmo a recusa, dos argumentos positivados por Galvão-Sobrinho. E isso se dá por meio de um processo de *disputatio* argumentativa, por meio de uma retórica – semelhante à judicial – que encontramos descrita em Quintiliano. Afinal de contas, a História, tal qual a praticamos desde pelo menos os dias de Gibbon (um nome que é mencionado por White raríssimas vezes), é uma ciência, ou pelo menos uma disciplina; e historiadores tem, sim, autoridade para policiar o seu próprio campo de estudo.

Do contrário, que nos resta fazer? Aceitamos o "é razoável" de Lancaster? Para que tanto esforço estudando, escrevendo, discutindo? Não seria melhor fechar todas as universidades de História, e sair a plantar batatas?

Uma alternativa ao discurso disciplinar da história científica atualmente existe. E precisamos ter consciência que ela existe. É um calhambeque miserável, um Ford Pinto prestes a explodir. Ele é pintado de forma a enganar o passageiro incauto (que desconhece que o Ford Pinto era um veículo que tendia a carbonizar seu condutor); belo e serelepe, o veículo intitulado "Curso de História da Igreja" de Lancaster (meros 59,90 reais por doze meses) se apresenta como uma alternativa para o passageiro. Esta alternativa leva a uma morte flamejante ou, na melhor das hipóteses, a um penhasco – ou, para abandonar a imagem metafórica, a livros pseudoacadêmicos e cursos de Youtube de qualidade pífia, falsários quando não incompetentes.

Por trás deste penhasco, está a noção de "Ocidente". Essa concepção, de um glorioso passado composto pelo Direito romano, pela filosofia grega e pela Igreja católica está presente, de alguma maneira ou de outra, em praticamente toda a gosma reacionária para-acadêmica secretada pela extrema-direita, de Lancaster ao Brasil Paralelo, passando por Olavo de Carvalho[15].

O que quero destacar aqui é que esta concepção de Ocidente *também está presente na crítica dos outros historiadores à história antiga e medieval brasileiras*. Pode-se chamar isso da "visão Bacurau do Ocidente": os

[15] Apresso-me a destacar que nem todos os pilares são *sempre* defendidos por estas hostes: Lancaster já atacou violentamente o Direito romano em um *short* no Youtube. Os tradicionalistas são, acima de tudo, esquisitos.

ocidentais não nos veem como ocidentais, logo o Brasil não é ocidental[16]. A conclusão deste raciocínio termina com "logo, não é necessário estudar a história antiga ou medieval no Brasil", em qualquer âmbito.

A aprovação de dois historiadores de que na primeira BNCC

> Tratou-se simplesmente de procurar enfrentar os efeitos deletérios do tratamento da disciplina História em sala de aula como uma espécie de ônibus lotado em que, a cada tempo, novos passageiros insistem em subir. O primeiro desafio enfrentado, portanto, foi o de escolher conteúdos em detrimento de outros, visando a reduzir a gigantesca carga de assuntos dos quais professores e estudantes devem (ou deveriam) dar conta, tarefa inglória e geralmente malsucedida (Cerri; Costa, 2021: 05).

tem, pelo menos, a qualidade da honestidade.

Descartemos a fácil defesa da atualidade da antiguidade greco-romana na sociedade brasileira e da utilidade do estudo crítico deste período para a formação de um aluno (afinal de contas, a palavra que melhor define o Brasil é "oligarquia", uma palavra que não foi criada na Segunda Guerra Mundial ou durante o ciclo do café no Brasil). Continuemos, do contrário, com a instigante imagem do ônibus lotado apresentada por Cerri e Costa. O que aqueles dois pobres passageiros, a história antiga e medieval, (in)justamente expulsos do ônibus, tem a fazer? Há vinte, vinte e cinco anos (e talvez ainda mais recentemente), a resposta de seus opositores seria *nada* (o que já seria ruim, e burro, o suficiente). Mas os seus opositores, hoje, entregariam a Antiguidade e o Medievo para a extrema direita. Acho difícil pensar em coisa mais imprudente do que deixar o integralismo católico passar a catraca.

Bibliografia

Edições de Autores Antigos

SOZOMENE. *Histoire de L'Eglise*. Traduite par Monsieur Cousin. Paris: chez Damien Foucault, 1686.

SOZOMÈNE. *Histoire Ecclésiastique*, livres I-II. Traduction par A-J. Festugière, annotation par G. Sabbah. Paris: Sources Chrétiennes, 1983.

[16] Curioso país não-ocidental, em que colonizadores europeus falantes de uma língua descendente do latim brutalizam povos indígenas e se dedicam à empreitada ocidental *par excellence*, a escravização transatlântica africana.

Obras de apoio

ÁVILA, A. *A História no Labirinto do Presente*. Serra: Milifontes, 2021.

BENTIVOGLIO, J. Uma reverência à Meta-história e a Hayden White: o passado como sátira irônica e liberal em Sérgio Buarque de Holanda. *ArtCultura*, v. 20, n. 37, 2018, p. 51-65.

CERRI, L.; COSTA, M. O banho, a água, a bacia e a criança: história e historiadores na defenestração da primeira versão da Base Nacional Curricular Comum de História para o Ensino Fundamental. *Educar em Revista*, v. 37, 2021, p. 01-21.

CHADWICK, O. Gibbon and the Church Historians. *Daedalus*, vol. 105, 1976, p. 111-123.

FINLEY, M. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

GALVÃO-SOBRINHO, C. *Doctrine and Power*: Theological Controversy and Christian Leadership in the Later Roman Empire. Berkeley: University of California Press, 2013.

GIBBON, E. *The Decline and Fall of the Roman Empire* (ed. J. Bury), 7 vols. Londres: Methuen, 1909.

GINZBURG, C. *Relações de força*: História, Retórica, Prova. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

LANCASTER, L. *Santo Atanásio e a Crise Ariana*. Rio de Janeiro: CDB, 2022.

MOMIGLIANO, A. Gibbon's Contribution to Historical Method. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, vol. 2, 1954, p. 450-463.

MOMIGLIANO, A. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Florianópolis: Edusc, 2004.

PELIKAN, J. *The Christian Tradition*: A History of the Development of Doctrine, Vol. 1: The Emergence of the Catholic Tradition (100-600). Chicago: University of Chicago Press, 1971.

POCOCK, J. *Barbarism and Religion*, Volume One: The Enlightenments of Edward Gibbon, 1737-1764. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SANTOS, D. O Ensino de História Antiga no Brasil e o Debate da BNCC. *Outros Tempos: Pesquisa Em Foco - História*, 16 (28), 2019, 128–145.

TALBERT, R. *et alli*. *Atlas of Classical History*. Londres: Routledge, 2023.

TILLEMONT, S. *Reflexions de M. Le Nain de Tillemont sur Divers Sujets de La Morale*. Utrecht, sem editora, 1735.

WHITE, H. The Public Relevance of Historical Studies: A reply to Dirk Moses. *History and Theory*, v. 44, 2005, p. 333-338.

WILLIAMS, R. *Arius*: Heresy and Tradition. Londres: William B. Eerdmans, 2002.